



Revistas Científicas e Ciências da Vida: longevidade, medicalização e alimentação no contexto do biopoder.¹

Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

Diogo Pereira da Silva e Luiza Trindade Oiticica.²

Graduandos da Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Resumo

O corpus da pesquisa que justifica este texto é composto pelos artigos publicados nas revistas Scientific American Brasil, Superinteressante e Galileu no período de Agosto / Setembro de 2007 a Agosto de 2008, centrados sobre nos temas de biotecnologias e meio-ambiente. Nosso objetivo é observar a relação que estes veículos estabelecem entre ciência e mídia, considerando o que apresentam de comum e o que estas demonstram em particular. O contexto teórico é a noção de representação pública da ciência e o nosso objetivo é buscar compreender a participação das revistas científicas no processo de mediação ciência-sociedade.

Palavras-chave

Jornalismo científico; biopoder; biopolítica.

Introdução

A relação entre mídia e ciência, na sociedade contemporânea é uma via de mão dupla. Por um lado, a mídia dá visibilidade à ciência e por outro, vale-se da credibilidade decorrente do valor de verdade atribuído ao discurso científico. Além disso, graças à divulgação, os temas da ciência integram-se ao cotidiano. A crescente medicalização da sociedade e a atenção à alimentação, visando à longevidade podem ser entendidas quando consideramos esta relação.

Este trabalho se insere no âmbito da pesquisa PIBIC-CNPq, sob orientação da Prof. Dra. Ieda Tucherman, com a participação dos doutorandos do Programa de Pós

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Diogo Pereira da Silva é graduando de Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com habilitação em publicidade, e bolsista de iniciação científica da UFRJ.

Luiza Trindade Oiticica é graduanda de Comunicação Social pela UFRJ, com habilitação em jornalismo, e bolsista de iniciação científica do PIBIC, CNPq.



Graduação em Comunicação da UFRJ (PPG-COM UFRJ) Ericson Saint-Clair e Cecília C. B. Cavalcanti, em vigor desde agosto de 2007.³

No período de agosto de 2007 a agosto de 2008, realizamos uma pesquisa de campo que teve por objeto três importantes revistas de divulgação científica de distribuição nacional: *Superinteressante*, da Editora Abril, *Galileu*, da Editora Globo, e *Scientific American Brasil*, da Duetto Editorial. Seleccionamos, dentre as edições publicadas ao longo desse período, as reportagens sobre os temas meio-ambiente e biotecnologia. Este, por sua vez, foi dividido em sete subtemas: saúde e medicina, pesquisas genéticas, neurologia e cognição, comportamento, beleza e cosmética, mutações e transformações, e biotecnologias propriamente ditas. Elaboramos com este material uma extensa planilha, contendo 216 reportagens.

Uma das reportagens que se encaixaram no nosso recorte, por incluir-se no tema saúde e medicina, escolhemos para desenvolver neste artigo, expositivo do trabalho que viemos realizando. A reportagem intitula-se “Pílula da longevidade?”, e foi publicada pela *Revista Galileu* em janeiro de 2008. Seu subtítulo é o seguinte: “Antidepressivo feito para humanos aumentou em um terço a vida de um verme”. O desenvolvimento da matéria consistirá em apresentar uma pesquisa sobre tempo de vida de determinados vermes, e em relacioná-la com suas possíveis conseqüências para humanos. Para estabelecer esta relação, há um dado facilitador: a substância usada no verme com resultados positivos já é utilizada por humanos como antidepressivo.

A busca pela longevidade e o uso de antidepressivos são pontos que nos interessarão. Há ainda outro: segundo a reportagem, o uso de tal substância, e o tempo de vida em geral, relacionam-se com apetite e alimentação. Situaresmos esses três pontos - o interesse difundido pela longevidade, por medicamentos que controlam o ânimo e por uma alimentação saudável - no contexto do biopoder e da biopolítica nas sociedades contemporâneas.

³ Ieda Tucherman é doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-Doutora-IRCAM- Centre Pompidou- Paris. Professora do Programa de Pós Graduação e Pesquisa da Escola de Comunicação da UFRJ, bolsista de pesquisa do CNPq. E-mail: iedatucherman@gmail.com.

Cecilia C. B. Cavalcanti é doutoranda em Comunicação pela Escola de Comunicação da UFRJ. Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica – UFRJ. Jornalista. Bolsista do CNPq. E-mail: ceciliacbc@gmail.com.

Ericson Saint-Clair é doutorando em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ieda Tucherman e bolsista do CNPq. Mestre em Comunicação pela UFF e bacharel em Comunicação Social pela Uerj. E-mail: ericsonclair@gmail.com.



A seguir, trataremos de explicitar as bases teórico-filosóficas que inspiram nosso trabalho para que, então, abordemos mais especificamente os temas pesquisados a partir da reportagem escolhida.

Mídia e poder

O tema do biopoder é próprio da perspectiva foucaultiana, tendo sido apresentado pela primeira vez no último capítulo do primeiro volume da *História da Sexualidade, A Vontade de Saber*. Nele, Foucault sugere que Estado e as instituições disciplinares, desde o fim da sociedade de soberania (em que o poder real se manifestava no corpo dos condenados sobre a forma dos suplícios), ficaram responsáveis pela gestão da vida das pessoas, em oposição ao antigo “fazer morrer” vigente na época clássica. Logo, o poder deixou de se manifestar no momento em que é decidido se um cidadão deve ou não morrer e passou a estar presente durante toda a sua vida, cuidando sempre para que ela seja mantida:

Concretamente, esse poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII, em duas formas principais; que não são antitéticas e constituem, ao contrário, dois pólos de desenvolvimento interligados [...]. Um dos pólos [...] centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões [...] – tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam a *disciplinas: anátomo-política do corpo humano*. O segundo [...] centrou-se no corpo como espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos [...]: uma *bio-política da população*. (FOUCAULT, 1980, p.131)

Ao contexto econômico contemporâneo, que prega a constante busca pela diminuição dos gastos, os governos adaptaram-se através do estímulo a medidas que incentivassem hábitos saudáveis da população, ou seja, ações que pudessem ao mesmo tempo manter a saúde das pessoas e aumentar sua expectativa de vida. Tais ações, porém, não agem de forma direta: o Estado, na contemporaneidade, fica responsável por informar os cidadãos, e permitir uma mídia livre que espontaneamente cumpra também essa função, para que cada indivíduo seja o gestor de si: de seu corpo e suas emoções. Há, portanto, uma espécie de passagem do Estado Moderno para o Contemporâneo: se ao primeiro cabe o nome de Estado do Bem Estar Social, que lhe incumbia de fornecer certa proteção real e simbólica para os cidadãos (saúde, educação e etc.), hoje, o Estado Liberal se ausenta (ou terceiriza) parte dessas funções e atua garantindo que haja essa circulação de conteúdos.



Assim, ao mesmo tempo em que a saúde, desde a modernidade, vira assunto de interesse público, que num primeiro momento, até meados do século XX, justifica investimento estatal, e em um segundo momento, na contemporaneidade, torna-se assunto de responsabilidade individual, um dever do indivíduo perante a sociedade. Seguindo essa linha, uma vez que o Estado, por um lado, financia pesquisas científicas, ou permite um livre mercado em que pesquisas são financiadas por capital privado, e, por outro lado, permite o ambiente livre em que os veículos midiáticos se inserem e proliferam as informações resultantes daquelas pesquisas científicas, sobre como gerir bem a saúde, por exemplo, como se alimentar de forma saudável, ou quando procurar um médico, e sobre a importância destes procedimentos; o indivíduo que não se informa, ou que não obedece às regras aí transmitidas, torna-se um irresponsável social.

Essa gestão sobre o corpo pressupõe uma constante tensão do homem sobre si mesmo, modelando hábitos e comportamentos – ações politicamente corretas – que não passam de regras das orientações biopolíticas: a necessidade de se pesar todo o dia, contar as calorias ingeridas, tudo para comprovar matematicamente que não está havendo transgressão às normas sociais. Como Foucault (1980, p.131) comenta: “A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida”.

A patologização da melancolia

Neste contexto histórico, em que mecanismos de incitação, controle, e reforço das forças do vivo são criados, como fundamento das relações de poder, e em que o controle é internalizado, passando cada ser vivo humano a ser responsável pela gerência de suas forças frente à sociedade, tornar essas forças quantificáveis é de grande utilidade. Aparecem novos saberes científicos sobre os estados d’alma, novos discursos para darem conta do que até então, nos últimos séculos, conhecia-se como estilo pessoal, ou desde antes, na tradição judaico-cristã, como graça.

Um mesmo objeto – a melancolia – outrora um sentimento que levava grandes artistas às suas grandes criações, hoje é explicado, muitas vezes, pela falta de uma substância química, a serotonina, ou seja, uma disfunção fisiológica que deve ser medicada. A medicação psiquiátrica banaliza-se. É mesmo atual medicar-se, está na moda. O que era motivo de vergonha torna-se motivo de orgulho. Cai bem divulgar socialmente quais remédios se tomam para dormir, quais para trabalhar. Pois, ao



extremo, não medicar-se é sinal, ou de falta de modificações de ânimo, ou seja, de estrita insensibilidade, ou no caso de se sofrer de modificação de humores, uma irresponsabilidade tremenda. Faz parte do projeto biopolítico a transformação do que, na modernidade, entendia-se por psicológico em biológico.

Pudemos constatar isso na nossa pesquisa, pela grande frequência de reportagens que faziam a analogia homem-máquina, homem-animal e estabeleciam a relação entre emoções e cérebro:

Precisamos descobrir se o mianserin tem um efeito no tempo de vida das pessoas que já o tomam. Mas isso é bem difícil, pois quem usa mianserin sofre de depressão o que pode influenciar o tempo de vida. (REVISTA GALILEU, 2008, p.30)

Podemos analisar esta reportagem à luz das considerações de Nikolas Rose, para quem:

Passamos a pensar em nós mesmos como indivíduos cujos estados de ânimo, desejos, conduta e personalidades são forjadas, em parte, pela configuração particular de sua neuroquímica, e que podem portanto ser moderados ou modulados atuando sobre essa neuroquímica, atuando sobre o cérebro por meio de drogas. (ROSE, 2006, p. 480-481)

Essa transformação está intrinsecamente ligada ao cenário capitalista neoliberal. Traduzir o psicológico em enzimático significa modelar, adestrar o ser humano ao ideal de cidadão contemporâneo: aquele que responde rapidamente aos muitos estímulos, que consome em grande quantidade e em pouco tempo, não só produtos e serviços, como, principalmente, informação. Logo, a melancolia deve ser medicada por representar a lentidão, a ausência/ demora de resposta a determinadas incitações do meio, ou seja, o avesso do ideal de cidadão.

A busca pela longevidade

Além disso, associada a essa matematização do exame exposta anteriormente, está a discussão primordial explícita no título da matéria: a longevidade. Hoje, não basta que se responda aos estímulos momentaneamente, durante apenas um período da vida ou em determinadas situações. É necessária uma constante e eterna reação perante as incitações do meio. Dessa forma, constata-se que, no momento em que todas as disfunções são eliminadas (através da medicalização), está sendo criada uma nova forma vida, artificial, sem limites. É como o fim da morte natural. Ou, em última



análise, a emersão do eterno. E, na atualidade, o local onde esse desejo materializa-se é a ciência.

Na matéria, percebemos, nitidamente, desde as primeiras palavras, esse direcionamento para a busca da extensão da vida, com a pergunta: “Quer viver mais?” (REVISTA GALILEU, 2008, p.30). Ou seja, o texto propõe logo de início que, após a leitura, o leitor conhecerá uma forma de viver mais. Porém isso ocorre de forma virtual já que cria expectativas sobre o futuro da pesquisa (que até o momento não obteve resultados concretos).

Nesse contexto, ao analisarmos historicamente a questão da longevidade, percebemos que desde a antiguidade, a busca pela extensão da vida produziu diversas teorias, em geral ligadas ao campo do sobrenatural, do sobre-humano, do divino: os egípcios com o Livro dos Mortos, os gregos com a Ambrosia dos Deuses, os cristãos com o cálice do Santo Graal, além da popular fonte da eterna juventude. Não morrer ou permanecer jovem para além da idade cronológica é, há bastante tempo, o desejo radical da espécie humana. Entretanto, hoje, subjetivamente, essa corrida pela longevidade é muito mais que uma utopia a ser atingida; ela integrou-se ao imaginário simbólico das pessoas sendo, portanto, o local de êxito da biopolítica das populações.

Contudo, para que essa meta possa ser tangível, é necessário seguir as regras das orientações biopolíticas: fazer exercício físico, alimentar-se conforme recomendado, não fumar, etc.. Ou seja, é essencial que haja uma permanente atenção sobre si mesmo, sobre cada hábito, cada ação, como comenta Tucherman e Schreiber Ribeiro (2006, p.8): “Apontado o caminho, percorrê-lo depende de um esforço individual, em que cada um deve ser o perito de si, monitorando a saúde constantemente”.

Customização do consumo

Ainda neste contexto, vemos surgir no Brasil, desde os anos 80, revistas especializadas em divulgação científica, tanto para o público leigo, quanto o especializado. Dentre elas, encontram-se os títulos: *Ciência Hoje* (SBPC) *Galileu* (Editora Globo), *Superinteressante* (Editora Abril) e *Scientific American Brasil* (Duetto Editorial), sendo os três últimos, focos da nossa pesquisa.

O surgimento de veículos especializados obedece ao movimento de customização do consumo, de criação de nichos de mercado, crescente dos anos 80 para cá. Na TV a cabo, é possível encontrar um paralelo ao que acontece na mídia impressa quando se tem em mente canais especializados, como *National Geographic*, *Discovery*



Channel, Discovery Health, Animal Planet e Discovery Child. As mídias digitais, como a Internet e a TV digital, que permitem um grau maior de interação, consistem na radicalização da utopia já presente na TV e na imprensa, que chamamos de “eucêntrica”, onde “*o que importa é que tragam o conteúdo que eu quero, quando eu quero, no formato que eu quero*”, segundo a terminologia eufórica de seus difusores⁴.

Isso certamente representa uma customização do consumo, uma segmentarização de públicos e interesses e uma aproximação com o efeito *zapping*, que define um padrão de atenção flutuante e não cativa, sempre atrás de novidades. (TUCHERMAN; SCHREIBER RIBEIRO, 2006, p. 2)

No caso da mídia especializada em divulgação científica, além de se beneficiar com a inserção no movimento acima descrito, ainda há outra particularidade que igualmente lhe confere vantagens ante o público. Um dos dados da modernidade, que a diferencia das épocas precedentes, é a aposta na razão e em sua aplicação à experiência. A ciência moderna, que atualmente vem atingindo o apogeu de seu projeto de explicar e modificar/ manipular a natureza, através dos avanços da tecnologia e de sua transformação no que muitos autores chamam tecnociência, consiste no discurso verdadeiro da modernidade e da contemporaneidade nas sociedades ocidentais. Ao vincular matérias sobre pesquisas científicas, a mídia desfruta do prestígio e da atualidade do discurso científico ao mesmo tempo em que os atrai. Simultaneamente, o fazer científico propriamente dito, traduzido para o público leigo, de maneira realista ou colorida por ficções, reforça e amplia sua visibilidade e credibilidade, o que se demonstra estratégico para ter atendida a demanda por cada vez mais vultosos investimentos para pesquisas e desenvolvimento de tecnologias.

A reportagem que tratamos nesse artigo busca relacionar as descobertas referentes à vida do verme com possíveis benefícios para humanos. Isso mostra, em uma análise que queremos mais crítica, que a disseminação de informações com pouquíssima base teórica e experimental não está ligada primordialmente à divulgação isenta de conteúdos, mas sim a uma relação mútua entre mídia e ciência. Até porque, a pesquisa dos cientistas do Instituto Medico Howard Hughes, em Seattle, nos Estados Unidos, ainda está longe de obter algum resultado relativo aos homens.

⁴ Segundo fala do jornalista e professor Rosental Calmon Alves, da Universidade do Texas, em Austin, em agosto de 2005, durante a reunião anual do International Consortium of Investigative Journalists, citado por Claudio Julio Tognolli. Disponível em: <<http://portal.crie.coppe.ufrj.br/portal/main>> Acesso em: 04 abr. 2009.



“[...] com a ação do mianserin, o pobre verme come, mas, para seu organismo ele está sempre morrendo de fome. O curioso é que um dos efeitos em pacientes que tomam o medicamento é o aumento do apetite, uma pista de que talvez alguns efeitos da substância no *C. elegans* se reproduzam em humanos”. (REVISTA GALILEU, 2008, p.30)

No final da matéria, sabemos que eles se encontram, inclusive, reticentes quanto à banalização do uso de medicamentos: “Estamos preocupados com um cenário desgovernado em que as pessoas comecem a tomar a droga na esperança de viver mais” (Ibid, p.30). De forma alguma duvidamos da razão de suas preocupações, ao contrário, sublinhamos que o fato de esta pesquisa ser mediatizada, principalmente em um veículo de grande circulação, voltado a leigos e curiosos pelas ciências da vida e da natureza, indica e reforça a realidade em que a ciência e as tecnologias, inclusive os medicamentos, estão na pauta do dia.

Considerações finais

A partir das análises propostas em relação à matéria exposta e durante toda a pesquisa, e considerando que a longevidade é, há muito tempo, uma questão marcante nas sociedades, verificamos que, hoje, ela deixou de ser tratada como inatingível, ligada ao sobre-humano, e passou a integrar o desejo das pessoas. Isso se deu, pelo que percebemos, pela relação mídia-ciência e a disseminação de conteúdos proposta por esses dois campos. Notamos, a partir daí, que foram criados movimentos sociais novos, com destaque para a medicalização da sociedade e que isso gerou diversos desdobramentos como mostramos neste texto. Por isso, pretendemos continuar essa pesquisa em fase inicial para, dessa forma, confirmarmos nosso entendimento e hipóteses criadas com a evolução do trabalho e, assim, futuramente chegarmos a mais resultados relativos a esse tema.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. “Direito de morte e poder sobre vida”, In: *História da Sexualidade – A vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2006.



LAZZARATO, Maurizio. “Os conceitos de vida e do vivo nas sociedades de controle”, In: *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

RABINOW, Paul. “Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biosociabilidade” In: *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

ROSE, Nikolas. “Disorders without borders? The expanding scope of psychiatric practice”, In: *BioSocieties*, 1, London School of Economics and Political Science, 2006.

TOGNOLLI, Claudio Julio. Disponível em: <<http://portal.crie.coppe.ufrj.br/portal/main>> Acesso em: 04 abr. 2009.

TUCHERMAN, Ieda. “Mídia, ciência, tecnologia: representações, discursos e tensões” In: *Construções do Tempo e do Outro*, org. Paulo Vaz e João Freire Filho, Mauad X, 2006, p.133 a 155.

TUCHERMAN, Ieda. *Estratégias discursivas: mídia, ciência e biopoder*. Texto inédito apresentado no IRCAM Estocolmo, Media and Social Divises, 2008.